

## NOS ANDAIMES SUSPENSOS DO DISCURSO: O SUJEITO

### On the suspended scaffolding of the discourse: the subject

Marilane Mendes Cascaes da Rosa<sup>1</sup>

DOI: 10.19177/memorare.v6e120193-14

**Resumo:** Este artigo analisa, à luz da Análise do Discurso Francesa, o texto “O operário em construção” de Vinícius de Moraes. Para tanto, como dispositivo teórico-analítico, mobilizarei as noções de sujeito, efeitos de sentidos e metáfora. Deste modo, a partir dessa materialidade, quero observar a disputa pelos efeitos de sentido, a partir de duas formações discursivas em que os sujeitos dos discursos se inscrevem e o modo como a memória discursiva ressoa em relação a cada posicionamento. Pretendo visualizar, ainda, o imbricamento entre metáfora, sentido e sujeito, num andaime em constante movimento.

**Palavras-chave:** Sujeito. Efeitos de sentidos. Metáfora.

**Abstract:** This article analyzes, from the view of French Discourse Analysis, the text "The worker under construction", by Vinícius de Moraes. For this, as a theoretical-analytical device, I will mobilize notions of subject, effects of meaning and metaphor. Thus, from this materiality, I want to observe the dispute for the effects of meaning from two discursive formations in which the subjects of the discourses are inscribed in and how discursive memory resonates in relation to each position of them. I also intend to identify the imbrication among metaphor, meaning and subject, in a scaffolding in constant movement.

**Keywords:** Subject. Effects of meaning. Metaphor.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciências da Linguagem - Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Licenciada em Letras Português/ Inglês - Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Professora e assistente pedagógica da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Participa dos grupos de pesquisa Relações de poder: memória e esquecimento (GREPEM), da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); e Discurso, arquivo e autoria, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cascaes2@gmail.com.

## 1 Introdução: o alicerce

Este trabalho se inscreve no campo teórico da Análise do Discurso Francesa, fundada por Michel Pêcheux e objetiva analisar o texto “O operário em construção” de Vinícius de Moraes. Neste texto, o operário ocupa um lugar especial, pois é ele que habita o andaime do discurso, dá sentido à construção, pensa ter controle sobre ela, embora não seja o dono dela.

Para dar conta da análise que pretendo empreender, mobilizo as noções de sujeito, efeitos de sentidos e metáfora, as quais se imbricam e vão dar sentido a nossa construção. Inicialmente, parto do sujeito, noção essencial para se compreender os sentidos, pois é por ele que os processos discursivos se desenvolvem, entretanto não é a origem do dizer, mesmo que tenha essa ilusão. Segundo Indursky (2008, p.11), “é um sujeito histórico, ideológico, mas ignora que o é, pois é igualmente afetado, em sua constituição, pelo inconsciente”. Esse sujeito funciona discursivamente por meio da formação discursiva que regula “o que pode e deve ser dito”, (PÊCHEUX, 1995, p. 160), ou melhor, “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (PÊCHEUX, 1995, p. 161). E “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (PÊCHEUX, 1995, p.163), mas assim como a formação discursiva o determina, ele também a afeta.

Não é de um sujeito indivíduo que trata a AD, mas de um sujeito discursivo, inscrito na linguagem, logo, sua voz se dá a partir do lugar ocupado por ele, em determinadas condições de produção. Sujeito que não tem lugar fixo, que migra, está em permanente movimento, por isso, a metáfora dos andaimes suspensos.

O sentido, assim como o sujeito, não é individual e pronto, ele se apresenta como um processo histórico, atrelado à rede de memória. E, assim sendo, entendo-o como opaco, revestido de densidade histórico-semântica. Considero os efeitos de sentido, a deriva, os sentidos em movimento. Os sentidos e os sujeitos engendram-se e estão em disputa e enfrentamento. Sentidos que, no jogo da língua, sempre podem ser outros, pois, conforme Pêcheux (2017, p.53),

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.

E como se oferecem para a interpretação, as palavras, um enunciado, uma imagem, não têm um sentido próprio, fixo, todavia se constituem nas relações de metáfora e recebem seus sentidos a partir das formações discursivas a que se filiam. Para Pêcheux (2014, p. 240), “a metáfora, constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por uma região do interdiscurso”. O

conceito de metáfora, assim proposto por Pêcheux, evidencia este estado de deriva da língua. Segundo ele (2014, p. 277), “‘uma palavra por outra’ é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso”.

Os sentidos sempre podem ser outros, não qualquer um, visto que são determinados ideologicamente, contudo podem deslizar e significar de diferentes maneiras. Metáfora e sentido se imbricam, não se distinguem ou se somam, entretanto, implicam-se. Assim, a metáfora é vista como a possibilidade inerente a todos os sentidos, porque esses estão inscritos na instabilidade dos dizeres possíveis, numa relação permanente de estabilização/ desestabilização na língua.

Neste entendimento, com base nessas três noções teóricas da análise do discurso pecheutiana, quero visualizar como isso se dá no texto “O operário em construção”. E, então...

## 2 A (des)construção dos sentidos: um andaime em suspensão

[...] o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (PÊCHEUX, 1995, p. 363).

Quando escolhi este texto de Vinícius, pensei-o pela materialidade significativa que se coloca, pela afetividade que me enlaça a ele, já que foi dele que veio a minha primeira experiência com a análise de discurso lá no início, e, outrossim, na metáfora que posso empreender em relação às noções que quero trazer aqui. E como o operário em construção, ousou, também, tecer singela análise, de analista em construção e...

O operário em construção

Era ele que erguia casas/ Onde antes só havia chão./ Como um pássaro sem asas/ Ele subia com as casas/ Que lhe brotavam da mão./ Mas tudo desconhecia/ De sua grande missão:/ Não sabia, por exemplo/ Que a casa de um homem é um templo/ Um templo sem religião / Como tampouco sabia/ Que a casa que ele fazia/ Sendo a sua liberdade/ Era a sua escravidão.

O poema intitula-se “O operário em construção”, podendo a expressão “em construção” remeter a efeitos de sentidos distintos, aquele que está a serviço da construção, mas também aquele que se constrói, como um ser que falta, incompleto, como é próprio do sujeito. Deste modo, o poeta apropria-se da língua para, por meio da metáfora, “a casa de um homem é um templo”; contradições, “templo sem religião”, “pássaro sem asas”; paradoxo, “liberdade”/“escravidão”; comparação, “Como um pássaro sem asas”; e outras figuras de linguagem, construir uma imagem do operário e tecer seu discurso. Imagem essa que se constrói pela não consciência, pelo assujeitamento em relação ao trabalho que realiza e por desconsiderar a importância social do que faz. É das mãos do

operário que brota tudo o que está a sua volta, todavia não reconhece, visto que está envolto pela ideologia, que mascara a realidade, coloca-o nessa condição, fazendo com que pareça natural, assim, não vê a grandeza do que realiza. Sujeito que, segundo Ferreira (2005, p.14), coloca-se “estratégica e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção do inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem.” Tão assujeitado está que o trabalho exercido se torna mecânico e não lhe traz liberdade, aprisiona-o. Mas lembro que o inconsciente faz parte da constituição do sujeito e uma hora ele pode falhar ou, nas palavras de Lacan (1998, p.32), “o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito”. E é justamente o vacilo, a falha que promovem o desarranjo nas cadeias da significação e fazem com que os sentidos migrem noutras direções, mas, por enquanto...

De fato, como podia/ Um operário em construção/ Compreender por que um tijolo/ Valia mais do que um pão?/ Tijolos ele empilhava/ Com pá, cimento e esquadria/ Quanto ao pão, ele o comia.../ Mas fosse comer tijolo!/ E assim o operário ia/ Com suor e com cimento/ Erguendo uma casa aqui/ Adiante um apartamento/ Além uma igreja, à frente/ Um quartel e uma prisão:/ Prisão de que sofreria/ Não fosse, eventualmente/ Um operário em construção.

Neste íterim, silencia o valor do trabalho, não compreende os valores atribuídos aos tijolos e ao pão, visto que, para ele, o tijolo não era o seu alimento, tanto que “Quanto ao pão, ele o comia.../ Mas fosse comer tijolo!” Tão interpelado está o sujeito a sua condição que continua a exercer a sua profissão mecanicamente, “Erguendo uma casa aqui/ Adiante um apartamento/ Além uma igreja, à frente/ Um quartel e uma prisão:/”. Há uma relação de produção/ reprodução. Age mecanicamente. Não percebe que ele é significado pelo trabalho, ou seja, o trabalho representa o próprio trabalhador. Submete-se às ordens impostas por uma sociedade capitalista e que pouco valoriza esse tipo de trabalho, porque a ideologia dominante interpela o sujeito a uma vida mais material, tecnológica, a uma sociedade de consumo. Contudo, mais uma vez, o poeta se vale da língua, agora um verbo, “sofreria” e um advérbio de tempo, “eventualmente” para revelar que o sujeito pode deixar essa condição. É sinal de que nessa relação pode haver transformação, tal qual proposta por Pêcheux (1995). Segundo o autor, as condições ideológicas da reprodução/ transformação das relações de produção se dão pelo modo como são determinadas economicamente, socialmente, historicamente e pela via do trabalho da ideologia. Igualmente, que a ideologia é um ritual com falhas e, assim sendo, o sentido pode escapar, ser outro, momento em que o inconsciente se manifesta. Então, “o inconsciente mostra-se na fratura, na falha, no momento em que o real, ao explodir a cadeia do simbólico, desarranja o imaginário e desvanece o sujeito, que é um efeito. O inconsciente é, portanto, um saber que pelo equívoco se manifesta”. (BARBAI, 2011, p.379).

Baldini e Mariani (2013, p.110), ao falarem sobre o funcionamento do inconsciente, mencionam que:

Um dos modos de funcionamento do inconsciente é justamente o de emergir provocando cortes no discurso efetivo, provocando falhas, esvaziando o que se diz com lapsos e chistes, mas também com repetições e articulações significantes que produzem furos nos sentidos e escapam aos ouvidos de quem fala.

E mais, para eles, o sujeito do inconsciente é descontinuidade, surpreende, nunca está onde se supõe, comparece como um piscar de olhos, é efêmero, não sabe o que diz e nem mesmo sabe que vai falar ou que nem sabe que está, contudo comparece desfazendo os sentidos (BALDINI & MARIANI, 2013, p.110) e isso, de algum modo, se visualiza no operário em construção.

Importante destacar que pensar a relação entre ideologia e inconsciente não significa que um está no outro ou que haja uma diluição deles, contudo, essa articulação, para Barbai (2011, p.379), “indica o desequilíbrio das certezas. Ela permite se olhar para a linguagem, para aquilo que se inscreve materialmente como falha, como equívoco, como lugar do evanescente do sujeito e do sentido no mundo”. Nas palavras de Pêcheux (1995, p.301), “a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente.” Assim, há pontos que se tocam, mas igualmente outros que se distanciam.

Nos versos seguintes, o sujeito começa a visualizar a relevância do trabalho que realiza e que ele, operário, constitui-se pelo trabalho, “o operário faz a coisa/ [...] a coisa faz o operário”. Novamente, é pela língua que o discurso se modifica, “certo dia”, “À mesa”, advérbios que instauram o início de uma nova forma de ver o que o rodeia e que o fará, mais a frente, a assumir uma posição-sujeito diferente, assim, embora o sujeito se relacione com uma memória, com uma história e com uma forma de significar e de se individualizar, os sentidos não se fecham em si mesmos, mas carregam a possibilidade de sentidos outros.

Mas ele desconhecia//Esse fato extraordinário:/ Que o operário faz a coisa/ E a coisa faz o operário./ De forma que, certo dia/ À mesa, ao cortar o pão/ O operário foi tomado/ De uma súbita emoção/ Ao constatar assombrado/Que tudo naquela mesa/ - Garrafa, prato, facção -/ Era ele quem os fazia/ Ele, um humilde operário,/ Um operário em construção./ Olhou em torno: gamela/ Banco, enxada, caldeirão/ Vidro, parede, janela/ Casa, cidade, nação!/ Tudo, tudo o que existia/ Era ele quem o fazia/ Ele, um humilde operário/ Um operário que sabia/ Exercer a profissão.

O sujeito rompe com o discurso efetivo que se tem sobre o operário, como aquele que se submete ao patrão, faz o que lhe mandam e passa a se inscrever de um outro modo. Nova perspectiva se vislumbra, novos sentidos em jogo.

O uso de vários substantivos intensifica o quão importante era o trabalho do operário e que vem reforçado pelo pronome indefinido “Tudo”, resumindo a enumeração, o qual se repete e “tudo o que existia/ Era ele quem o fazia”. Interessante observar, também, a presença do adjetivo humilde anteposto ao substantivo, pois não era um operário humilde, contudo um “humilde operário”, gerando um efeito de sentido distinto. Sujeito e sentidos, imbricados pelo jogo da metáfora, embora pareçam estar sempre lá, são produzidos pela ideologia que os constituem e, deste modo, podem ir noutras direções, já que com a metáfora o sentido sempre pode deslizar.

Os versos vindouros nos revelam uma contradição entre a “casa vazia” e o muito que o operário estava adquirindo sobre sua condição, já que “Um mundo novo nascia”. Há, ainda, a oposição entre a “rude mão”, mãos calejadas pelo trabalho árduo, e a beleza que, agora, há nela, fruto de tudo que o circunda e, então, “não havia no mundo/ Coisa que fosse mais bela”.

Ah, homens de pensamento/ Não sabereis nunca o quanto/ Aquele humilde operário/ Soube naquele momento!/ Naquela casa vazia/ Que ele mesmo levantara/ Um mundo novo nascia/ De que sequer suspeitava./ O operário emocionado/ Olhou sua própria mão/ Sua rude mão de operário/ De operário em construção/ E olhando bem para ela/ Teve um segundo a impressão/ De que não havia no mundo/ Coisa que fosse mais bela.

Ainda desses versos, quero pensar no jogo que se estabelece entre os significantes casa e mundo e de que, de algum modo, mundo substituiu casa. Para Lacan “É na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer, de metáfora. [...] é pela possibilidade de substituição que se concebe o engendramento, por assim dizer, do mundo do sentido.” (LACAN, 1999, p. 35). Portanto, “não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica.” (LACAN, 1999, p.16). Para a análise do discurso, essa substituição são “efeitos metafóricos, ou seja, no que se chama propriamente processo discursivo, a substituição que produz deslizamento, deriva, um sentido por outro, transferência”. (ORLANDI, 2012, p.103). A substituição de um significante por outro gerou um sentido outro, não só para o significante casa como para o mundo e para a própria constituição do sujeito. Não é simplesmente uma palavra por outra, mas uma substituição significativa e, ainda, ao modo de Pêcheux (2014, p. 277), “uma palavra por outra’ é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso”, isso porque não se tem controle dos sentidos.

E fez-se a compreensão, pois “O operário adquiriu/ uma nova dimensão:/ A dimensão da poesia”. Momento em que o operário rompe com a condição de operário submisso dessa ideologia que o sufoca e vislumbra uma outra perspectiva sobre o trabalho e sobre sua tarefa perante os outros operários, tanto que “O que o operário dizia/ Outro operário escutava.”

Foi dentro da compreensão/ Desse instante solitário/ Que, tal sua  
 construção/ Cresceu também o operário./ Cresceu em alto e profundo/  
 Em largo e no coração/ E como tudo que cresce/ Ele não cresceu em  
 vão/  
 Pois além do que sabia/- Exercer a profissão -/ O operário adquiriu/  
 Uma nova dimensão:/ A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu/ Que a todos admirava:/ O que o operário dizia/  
 Outro operário escutava.

Percebo, aqui, a luta de classes e retomo Pêcheux (1995, p. 304):  
 “- não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de  
 classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”. E, também,  
 que “- ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja:  
 primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar  
 o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si  
 mesmo””. É isso que começa a acontecer com o operário, ou seja,  
 ousa se revoltar e quer pensar por ele mesmo e por isso inicia o  
 processo de resistência. Resistência a todo discurso construído sob a  
 perspectiva da ideologia dominante e que envolve o operário, o  
 trabalhador de distintas classes sociais, explorado diariamente por  
 uma ideologia capitalista que se constitui sobre a lógica do capital e  
 da exploração humana. Resistência como um dizer outro sobre os  
 operários, que não reproduz o discurso de dominação, mas se faz  
 operário de outros sentidos.

O jogo da língua inscrito por meio das palavras em contraste,  
 “marmita”/ “prato”, “cerveja preta”/ “uísque”, “macacão de zuarte”/  
 “terno”, “casebre”/ “mansão” e outras, revelam o poder entre essas  
 classes e nos faz notar duas formações discursivas distintas: a do  
 operário e a do patrão. Vista sob formações discursivas com filiações  
 ideológicas diferentes, o trabalho, também, ganha outros sentidos.  
 Para uma, leva a efeitos de sentido de escravidão, sofrimento, dureza,  
 cansaço, para a outra, bem-estar, mansidão, dinamismo. Os  
 processos que ligam sujeito e memória são diferentes como o são as  
 filiações do interdiscurso, logo, sentidos que percorrem trajetórias  
 distintas.

E foi assim que o operário/ Do edifício em construção/ Que sempre  
 dizia sim/ Começou a dizer não./ E aprendeu a notar coisas/ A que não  
 dava atenção:

Notou que sua marmita/ Era o prato do patrão/ Que sua cerveja preta  
 Era o uísque do patrão/ Que seu macacão de zuarte/ Era o terno do  
 patrão/ Que o casebre onde morava/ Era a mansão do patrão/ Que  
 seus dois pés andarilhos/ Eram as rodas do patrão/ Que a dureza do  
 seu dia  
 Era a noite do patrão/ Que sua imensa fadiga/ Era amiga do patrão.

O operário mantém-se firme e promove a ruptura, visto que  
 passa a dizer “Não!” Um “Não!” grafado em maiúsculo e com a  
 exclamação no final, num gesto de gritar. No entanto, o operário teria  
 muito ainda a enfrentar para poder continuar (re)existindo, visto que  
 “As bocas da delação/ Começaram a dizer coisas”.

E o operário disse: Não!/ E o operário fez-se forte/ Na sua resolução.

Como era de se esperar/As bocas da delação/ Começaram a dizer coisas/ Aos ouvidos do patrão/ Mas o patrão não queria/ Nenhuma preocupação/ - "Convençam-no" do contrário -/ Disse ele sobre o operário/ E ao dizer isso sorria.

Pelas “bocas da delação”, recupero do interdiscurso, via memória discursiva, alguns dos efeitos de sentido desses versos. Por esse viés, o sentido transborda e cede lugar a outros novos sentidos. Esses se constroem, conforme Ferreira (2013, p.136), “como algo fundamentalmente histórico, vinculado a um trabalho da rede de memória [...] o sentido nunca é individual, nem tampouco surge como já produzido” e, por isso, significam. No jogo entre as palavras, passado e presente se imbricam, ou seja, “promove o encontro de práticas passadas com uma prática presente” (INDURSKY, 1999, p. 174) e, então, recupera a delação de uma outra época, por exemplo, a ditadura, para atualizá-la em o “O operário em construção”. E, hoje, será que as “bocas da delação” não estão bem próximas dos operários? Talvez estejam mais presentes do que outrora. Se faço uma substituição significativa pelos operários da educação, posso levar a efeitos de sentidos do que se tem manifestado sobre o que almeja a escola sem partido<sup>2</sup>, por exemplo, em relação aos professores. A serviço de que ideologia está? Seria preocupação com a qualidade da educação? O silêncio, a ameaça, o medo, a intimidação são os melhores caminhos? Não seriam também formas de delação?

E a agressão ao sujeito prossegue, seguida da resistência desse que mesmo diante da situação diz “Não!”, o não que o torna um operário em construção e que cresce junto com a construção do edifício. O “Não!” que (des)constrói a imagem do operário. Constato, pelo uso do verbo “Convençam” no imperativo, a imposição do patrão e que, num gesto de interpretação meu, ironicamente, “sorria”.

Dia seguinte, o operário/ Ao sair da construção/ Viu-se súbito cercado/ Dos homens da delação/ E sofreu, por destinado/Sua primeira agressão.

Teve seu rosto cuspidos/ Teve seu braço quebrado/ Mas quando foi perguntado/ O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário/ Sua primeira agressão/ Muitas outras se seguiram/ Muitas outras seguirão./ Porém, por imprescindível/ Ao edifício em construção/ Seu trabalho prosseguia/ E todo o seu sofrimento

Misturava-se ao cimento/ Da construção que crescia.

A violência sofrida por este operário me faz rememorar a ditadura, época em que muitos foram silenciados por irem contra os que estavam no poder, por lutarem por seus direitos e por estarem inseridos em uma outra formação discursiva. Então, alguns foram torturados, perseguidos, expulsos de seu país e outros silenciados

---

<sup>2</sup> “O Projeto de Lei nº 193 Escola Sem Partido, proposto no Senado em 2016, visa a defender leis contra o abuso da liberdade de ensinar, chamando de doutrinação ideológica ao que os professores estariam fazendo em sala de aula. Diante do embate sobre o Projeto e demais que vêm sendo propostos nas casas legislativas do país, chama a atenção o modo como ideologia é tratada no texto da lei, em contraponto ao que se entende por neutralidade científica e política.” (DALTOÉ; FERREIRA, 2019, p. 209).

com a própria vida. E quantos hoje, ainda, são silenciados? Silêncio, como no caso de Marielle Franco<sup>3</sup>. Ela lutava pelas causas da mulher, do negro, dos pobres, daqueles que vivem nas favelas, que estão à margem, são excluídos por essa sociedade tão desigual. Silenciaram ideias, discursos, atitudes... Silenciaram-na, contudo, mesmo no silêncio, seu discurso continua ressoando.

No poema, visualizo, outrossim, um outro modo de silenciar, “Dobrá-lo de modo vário”, muito presente na sociedade de hoje. Dobra-se comprando, subornando, corrompendo, enfim, praticando atos ilícitos.

Sentindo que a violência/ Não dobraria o operário/ Um dia tentou o patrão/ Dobrá-lo de modo vário./ De sorte que o foi levando/ Ao alto da construção/ E num momento de tempo/ Mostrou-lhe toda a região/ E apontando-a ao operário/ Fez-lhe esta declaração:/- Dar-te-ei todo esse poder/ E a sua satisfação/Porque a mim me foi entregue/ E dou-o a quem bem quiser./ Dou-te tempo de lazer/ Dou-te tempo de mulher./Portanto, tudo o que vês/ Será teu se me adorares/ E, ainda mais, se abandonares/O que te faz dizer não.

Os versos desta estrofe fazem alusão a uma passagem bíblica em que o Diabo oferece a Jesus poder e glória, mas este nega, assim, percebo aí, também, “retorno aos mesmos espaços do dizer”, portanto, paráfrase, mas, também polissemia, visto que há “deslocamento, ruptura de processos de significação”. (ORLANDI, 2005, p.36). A história é outra. Ainda, via pré-construído que, segundo Pêcheux, “[...] corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (‘o mundo das coisas’)” (1995, p. 164), recupero, pela memória, os sentidos de Diabo e de Jesus e, nessa lógica, o primeiro se aproxima do patrão e o segundo do operário. A metáfora faz-se presente, os significantes são substituídos e reclamam outros sentidos.

Disse, e fitou o operário/ Que olhava e que refletia/ Mas o que via o operário/ O patrão nunca veria./ O operário via as casas/ E dentro das estruturas/ Via coisas, objetos/ Produtos, manufaturas./ Via tudo o que fazia/ O lucro do seu patrão/ E em cada coisa que via/ Misteriosamente havia/ A marca de sua mão./ E o operário disse: Não!

A partir dos versos citados, recorro ao que está no interdiscurso, ou no “todo complexo dominante das formações discursivas” (PÊCHEUX, 1995, p.162) para, por meio da memória, filiar esse dizer a redes de sentidos, relacionando língua e história, sob o efeito da ideologia e do inconsciente, e poder afirmar que o operário, agora, sentia a necessidade de ousar, de lutar por seus direitos e buscava alçar voos outros. Percebeu-se um sujeito em falta. Via sob perspectiva distinta, pois passou a ver o fruto do seu trabalho e o valor que há nele, mas o patrão não entendia:

---

3 O caso a que me refiro foi o assassinato da vereadora carioca, Marielle Franco, e seu motorista, Anderson Pedro Gomes, os quais foram mortos a tiros enquanto voltavam para casa após o evento “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, na Lapa, Rio de Janeiro. A suspeita é de que o crime tenha sido encomendado.

- Loucura! - gritou o patrão/ Não vês o que te dou eu?/ - Mentira! - disse o operário/ Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se/ Dentro do seu coração/ Um silêncio de martírios/ Um silêncio de prisão./ Um silêncio povoado/ De pedidos de perdão/ Um silêncio apavorado/ Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas/ E gritos de maldição/ Um silêncio de fraturas/ A se arrastarem no chão./ E o operário ouviu a voz/ De todos os seus irmãos/ Os seus irmãos que morreram/ Por outros que viverão./ Uma esperança sincera/ Cresceu no seu coração/ E dentro da tarde mansa/ Agigantou-se a razão/ De um homem pobre e esquecido/ Razão porém que fizera/ Em operário construído/ O operário em construção.

“Loucura” e “mentira” se contrapõem na língua. A loucura de um era a certeza e o desejo do outro, desejo de sujeito desejante, que resiste como condição mesma de existência. E no silêncio agigantou-se o operário, no ousar dizer “Não!”, mas quantos silêncios encobrem os operários mundo a fora? Quantos ousam dizer “Não!”? Quantos silenciamentos existem nas relações trabalhistas? Quantos silêncios de dor e sofrimento se recuperam, por exemplo, pela memória, o trabalho realizado na época da escravatura ou o trabalho a que muitos estão submetidos hoje? Um trabalho que, muitas vezes, não traz dignidade nenhuma. Vivemos tempos de silêncio, no entanto o mundo suscita barulho. É preciso ser capaz de dizer “Não!”. O silenciamento aqui é outro e urge rompimento.

Nos andaimes do discurso, os sentidos estão sempre a ser (des)construídos, estão em suspensão, como no balanço do andaime, vai e volta, mas nem sempre volta o mesmo, pois não estão fixados, presos. O movimento é necessário para que outros sentidos circulem e, assim, no jogo da língua, façam-se e-feitos, num incessante balançar, ou seja, uns sentidos vão e outros vem, deslizam, porque a língua da AD é a do furo, da não transparência, do equívoco, da não regularidade, da não univocidade, é a língua da incompletude, de um balanço incerto e sujeito à adversidade.

É a incompletude que abre espaço para sentidos outros, dá a chance da mudança, do deslize, de que os sentidos estejam em movimento e possam se filiar a outras redes de sentidos. Para Orlandi (2005, p.37), “a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história”.

### 3 Considerações nada finais...

Nessa materialidade discursiva, observo a disputa pelos efeitos de sentidos, um sujeito feito e efeito da linguagem, a evocação de sentidos antagônicos, a partir de duas formações discursivas em que os sujeitos dos discursos se inscrevem e do modo como a memória discursiva ressoa em relação a cada posicionamento.

Outrossim, visualizo a perturbação da metáfora, o (des)construir dos sentidos para que outros possam ser construídos, numa nova trajetória onde os sentidos e os sujeitos estão sempre em suspensão, num andaime em constante movimento.

E, por assim ser, esse foi um gesto nosso, mas outros sentidos reverberam e/ou outros, ainda, fazem-se silêncio por entre os andaimes que conduzem os operários mundo a fora, operários em (des) construção.

## Referências

- BALDINI, Lauro J. S. & MARIANI, Bethania. O real é o nome que se dá ao inominável. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Orgs). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.
- BARBAI, Marcos Aurélio. “E suas palavras pousam”: sujeito, ideologia e inconsciente. In: RODRIGUES, E. et al. **Análise de Discurso no Brasil: uma homenagem a Eni Orlandi**. Campinas, RG, 2011.
- DALTOÉ, Andréia da Silva; FERREIRA, Ceila Maria. Ideologia e filiações de sentido no Escola Sem Partido. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 209-227, jan./abr. 2019.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Orgs). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- INDURSKY, Freda. De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Tradução: Vera Ribeiro. Revisão: Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O acontecimento discursivo como gesto de interpretação na história. In: BRESSANIN, Joelma Aparecida et al. (Orgs.). **Linguagem e Interpretação: a institucionalização dos dizeres na história**. Campinas: Editora RG, 2013.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- MORAES, Vinícius de. **O operário em construção**. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-operario-em-construcao>. Acesso em: 20 mar. 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise:** sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução: Eni Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

**Artigo enviado em: 20/03/2019. Aprovado em: 28/05/2019.**